



Movimento ESG sofre resistência, e o mercado precisa acompanhar a transformação

20/02/2025

É impossível ignorar a onda anti-ESG (ambiental, social e governança) que tem se espalhado pelo mundo nos últimos anos. E não por acaso, os Estados Unidos, sempre um grande difusor de ideias e conceitos, têm sido o epicentro dessa resistência.

A reeleição de Donald Trump só intensificou esse movimento, levando gigantes como Walmart, Meta, Amazon e Google a recalcularem sua rota, afastando-se de políticas ESG para evitar retaliações e riscos financeiros.

Mas onde foi que o ESG errou?

Parte do problema está na sua comunicação. O conceito foi amplamente utilizado, mas muitas vezes sem critério, transformando-se em um termo vago, excessivamente politizado e, por consequência, alvo de resistência.

Leon Kamhi, diretor de responsabilidade da Federated Hermes Limited, chegou a sugerir que o termo deveria ser aposentado, tamanho o desgaste e a rejeição que sofreu entre investidores.

Politização nos EUA

Nos EUA, a politização do ESG atingiu em cheio a confiança de grandes gestores de ativos. Se em 2021 havia um entusiasmo quase incontestável por essa agenda, hoje o cenário é outro.

Pressionadas politicamente e receosas de comprometer seus resultados, muitas empresas passaram a recuar.

Mas, atenção: recuar não significa abandonar. O fenômeno do “greenhushing” — a prática de continuar investindo em sustentabilidade sem divulgar amplamente essas ações — reflete essa mudança estratégica.

Spacca

As empresas entenderam que, em um ambiente cada vez mais polarizado, falar menos pode significar preservar sua posição no mercado.

Defesa no Brasil

No Brasil, o ESG ainda encontra defensores de peso.

Gilson Finkelsztain, presidente da B3, reiterou o compromisso da Bolsa brasileira com diversidade, equidade e inclusão (DEI), além da agenda ESG, mesmo diante da maré contrária nos EUA.

Medidas concretas, como o Anexo ASG, que incentiva a inclusão de grupos subrepresentados nos conselhos de administração, mostram que, por aqui, a resistência ao ESG tem menos força.

Curiosamente, o Brasil pode até se beneficiar desse movimento anti-ESG nos EUA. Com vantagens naturais e estruturais, o país tem potencial para se tornar um polo global de economia verde.

O secretário do MDIC, Rodrigo Sobral Rollemberg, destaca setores promissores, como a produção de combustíveis sustentáveis de aviação (SAF), a recuperação de áreas degradadas e a atração de empresas em busca de energia limpa e barata.

Investimentos verdes

Na COP 30, o Brasil pretende se apresentar como o “paraíso dos investimentos verdes”, com iniciativas como o Plano Nacional de Bioeconomia e a Estratégia Nacional de Descarbonização Industrial.

Mas sejamos francos: o ESG falhou em muitos aspectos, principalmente na forma como se comunicou.

O pilar social, por exemplo, foi engolido por discursos políticos e perdeu o foco empresarial. Empresas não são instituições de caridade, mas sim ambientes de alta performance, metas e cobranças.

ESG nunca deveria ter sido tratado como ativismo político. Ele é, acima de tudo, uma agenda de mercado baseada em estratégia e inovação.

A percepção equivocada de que diversidade compromete eficiência surgiu porque muitas empresas adotaram ESG como uma bandeira, sem estrutura real para implementá-lo de forma consistente.



Freepik

Algumas souberam transformar essa pauta em vantagem competitiva, identificando e desenvolvendo talentos diversos. Outras, no entanto, se limitaram ao discurso, sem sustentar ações de longo prazo. O resultado? Descrédito e resistência.

Transformação sem volta

Ainda assim, não há volta.

O ESG já foi incorporado a muitas empresas e, em diversos países, conta com respaldo legal.

O mercado financeiro foi um dos grandes responsáveis por impulsionar essa transformação, exigindo práticas de governança sólidas para que empresas ganhem escala e sustentem sua longevidade.

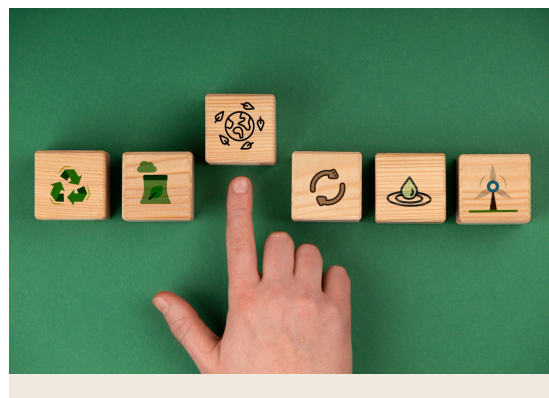
O pilar ambiental, por sua vez, continuará sendo central. À medida que a ciência avança, será cada vez mais fácil identificar com precisão quais empresas são as maiores poluidoras e responsabilizá-las.

Já o pilar social precisa amadurecer. Ele deve ser tratado com o mesmo rigor e alinhamento estratégico das demais áreas de um negócio.

Diversidade e produtividade não são conceitos antagônicos.

As empresas que conseguirem estruturar bem suas políticas internas sairão na frente, preparando-se para um futuro que, gostemos ou não, já chegou.

Os tempos mudaram. E o mercado, assim como a sociedade, precisa acompanhar essa transformação.



Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2025-fev-20/movimento-esg-sofre-resistencia-e-o-mercado-precisa-acompanhar-a-transformacao/>